

A parte do leão

RAUL PILLA

UM LEITOR, que é também funcionário, escreve-me uma carta, para discordar em parte, do que aqui tenho escrito a respeito das gratificações adicionais. E argumenta com o seu caso pessoal. Pertencendo a uma carreira mal estruturada, que, em vez de conformação de pirâmide, apresenta a configuração vertical de «pau de cêbo escorregadiço e inacessível», serve o missivista há 25 anos sem ter recebido uma só promoção, não obstante as excelentes notas de merecimento, que trimestralmente lhe são fornecidas. A gratificação adicional viria, pois, beneficiá-lo.

Deixe, porém, o prezado leitor, por um momento, o seu caso pessoal e tente na questão, em seu conjunto. Ele veria melhorados os seus vencimentos, mas muito mais lucraria aquêles 40% dos funcionários que, segundo calcula, se acham nos mais altos degraus de carreiras bem estruturadas, pois ganhando mais, ganhando já em alguns casos mais que o necessário, perceberiam gratificações maiores, já que estas se calculam não só em função do tempo, mas também dos vencimentos; e dos restantes 60%, «a massa dos modestos e infelizes servidores», nada lucrariam os mais novos (a primeira gratificação se perceberia ao cabo de 15 anos) e, por isto, situados mais em baixo, na escala. Haveria justiça nisto? E, sobretudo atender-se-ia convenientemente à necessidade social de ocorrer nesta época de tamanhas aperturas, aos mais necessitados, e aos verdadeiramente necessitados?

Creio mais não ser necessário acrescentar para verificar que o mais inadequado meio de atender ao funcionalismo, na atual conjuntura, seria o das gratificações adicionais, pois estas iriam beneficiar mais aos menos necessitados de benefício.

O que parece é que, nem desta vez, foi devidamente considerada a questão do funcionalismo. E a razão, dá-a o missivista: os estudos respectivos são feitos pelos altos funcionários, que se reservam a «parte do leão»!